

Panorama das pesquisas sobre
punks na região Sul e suas
contribuições para um debate
identitário (2001-2010)



Cartaz do II Apocalipse Metal. Guarapuava/PR, 2013, fotografia (detalhe).

Tiago de Jesus Vieira

Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor do curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG-Iporá). tiago.vieira@ueg.br

Panorama das pesquisas sobre *punks* na região Sul e suas contribuições para um debate identitário (2001-2010)

Panorama of researches on punks in Southern Brazil and its contributions to an identity debate (2001-2010)

Tiago de Jesus Vieira

RESUMO

Este artigo visa analisar os trabalhos acadêmicos que na primeira década do século XXI abordaram o *punk* na região Sul, buscando apresentar elementos relativos à sua condição de emergência, inserção regional e peculiaridades nas cidades de Curitiba, Guarapuava, Londrina, Porto Alegre e Uruguaiana. Para tanto, valeu-se dos estudos de Everton de Oliveira Moraes, Nécio Turra Neto, Angélica Silvana Pereira, Carlinhos Knierim de Almeida, por contribuírem para o debate identitário que envolve o *punk* no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *punk*; região Sul; identidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the academic works that addressed the issue of punk in Southern Brazil in the first decade of the 21st century. It advances elements related to their emergence, regional insertion and specificities in the cities of Curitiba, Guarapuava, Londrina, Porto Alegre, and Uruguaiana. The article is based on studies by Everton de Oliveira Moraes, Nécio Turra Neto, Angélica Silvana Pereira, and Carlinhos Knierim de Almeida, who contributed their research to identity debate on punks in Brazil.

KEYWORDS: *punk*; Southern Brazil; identity.



Ao longo da primeira década do século XXI, o Brasil vivenciou uma série de transformações, em especial, nos aspectos sociais e econômicos¹, contribuindo para que, entre outras coisas, houvesse notável expansão do acesso ao ensino superior. Conforme indica o estudo realizado por Aparecida da Silva Xavier Barros entre 2001 e 2010, houve um crescimento global de 110% no total de matrículas realizadas nas universidades, ao passo que a rede federal registrou aumento na ordem de 85,9% na oferta de vagas. Embora seja inegável a evolução relativa ao ensino superior, alavancada, sobretudo, pela expansão da rede privada: “a taxa de escolarização líquida da população brasileira de 18 a 24 anos [ainda continuou] baixa: 14,4%”² (dessas vagas apenas 26% eram geradas no setor público).

A expansão do ensino superior, mesmo que indiretamente, impulsionou a elevação na oferta de vagas em cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Ao tomarem como referência os dados da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Claudia Cirani, Milton Campanario e Heloisa Silva constataram um aumento de 71,5% no oferecimento dos cursos de mestrado e de 100,8% nos de doutorado entre 1999 e 2011. Esses pesquisadores também observaram que a ampliação do número de programas de pós-graduação contribuiu para o processo de descentralização desses cursos que, antes, estavam aglutinados, pre-

¹ Ver ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. *Revista Novos Estudos*, n. 91, São Paulo, nov. 2001.

² BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Expansão da educação superior no Brasil: limites e Possibilidades. *Educação e Sociedade*, v. 36, n. 131, Campinas, abr.-jun. 2015, p. 362 e 363.

ponderantemente, na região Sudeste. Por conseguinte, registrou-se, nesse período, uma elevação da ordem de 441,7% de tais cursos na região Norte, 229,7% no Centro-Oeste, 210,2% no Nordeste e 154,1% no Sul. Ademais, no tocante aos domínios do conhecimento, a pesquisa constatou que as áreas que apresentaram maior crescimento foram Multidisciplinar (1083%), Ciências Sociais e Aplicadas (204,7%) e Ciências Humanas (145,2%).³

Esse cenário proporcionou, entre outras coisas, uma diversificação dos objetos estudados nas Ciências Humanas. Pesaram, para tanto, acima de tudo, dois fatores: 1) o processo de interiorização das universidades brasileiras, que passaram a ter uma distribuição mais equitativa ou menos desigual no território nacional, o que propiciou o surgimento de um maior número de investigações na própria região; 2) a adesão, por parte dos pesquisadores, de novas tendências de compreensão do social, destacando-se perspectivas que se desvincilhavam da necessidade de sínteses fundamentadas em modelos macroestruturalizantes.⁴

Em suma, tal diversificação temática permitiu que os dilemas e problemáticas do mundo contemporâneo fossem abordados sem a necessidade de vinculação a metanarrativas autoexplicativas. Assim, a esfera regional, cada vez mais, passou a ser compreendida a partir de sua própria organicidade, contribuindo para que, cada vez mais, se procurasse atentar às particularidades dos “acontecimentos” em escala local e regional, como inevitavelmente ocorreu com a temática *punk* na região sul do Brasil.

Com base nesse panorama, este artigo tem por finalidade apresentar as principais contribuições dispostas nos trabalhos acadêmicos, desenvolvidos na primeira década do século XXI, e que enfocaram a inserção do *punk* em localidades do Sul do país. Ele visa contemplar, notadamente, aspectos relativos à emergência, diálogos com a conjuntura regional e as particularidades inerentes à utilização dos signos *punks* nessas cidades a fim de evidenciar a relevância de sua participação no debate identitário sobre o *punk* brasileiro.

Estudos acerca de coletividades *punks* no Sul do Brasil

Como sintoma desse cenário de expansão das investigações relativas ao *punk*, o Sul se converteu em um dos territórios favoritos para o empreendimento de investigações dessa natureza. A década anterior havia registrado apenas a produção de um trabalho monográfico na região⁵, enquanto entre 2001 e 2010 realizaram-se pelo menos 11 estudos que, direta ou indiretamente, se ocuparam do tema *punk*. No entanto, neste artigo, serão priorizadas as investigações que, mais diretamente, historicizaram as condicionantes de inserção do *punk*, bem como sua constituição e consolidação em algumas cidades da região. Assim, ganharão destaque as pesquisas implementadas por Everton de Oliveira Moraes⁶, Nécio Turra Neto⁷, Angélica Silvana Pereira⁸ e Carlinhos Knierim de Almeida.⁹

Nesse panorama, sobressaem as investigações conduzidas pelo geógrafo Nécio Turra Neto, um dos mais destacados referenciais brasileiros para elucidação da temática *punk*. Parte dessa bem-sucedida repercussão de seus trabalhos se deve a sua organização narrativa inovadora, que desafia o modelo tradicional de redação acadêmica, ao privilegiar uma escrita fluida, almejando maior entendimento de seus leitores.

Como efeito disso, em sua dissertação *Enterrado, mas ainda vivo!:* identidade *punk* e território em Londrina, o autor valeu-se de uma escrita que

³ Ver CIRANI, Claudia Brito Silva, CAMPANARIO, Milton de Abreu e SILVA, Heloisa Helena Marques da. A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. *Avaliação*, v. 20, n. 1. Campinas-Sorocaba, mar. 2015, p. 170-175.

⁴ Georg Iggers assinala que, “depois de 1990, as teorias explicativas do sistema mundial de fundamentação marxista saíram de moda como as teorias antimarxistas de modernização; todavia, ambas sobreviveram, ainda que de maneiras distintas”. IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. *História da historiografia*, n. 4, Ouro Preto, mar. 2010, p. 114.

⁵ Cf. AVANCINI, Carolina e ITO, Cynthia. *Fanzines punks: uma análise do panorama em Londrina*. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação Social – Jornalismo) – UEL, Londrina, 1994.

⁶ Ver MORAES, Everton de Oliveira. “Deslocados, desnecessários”: o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba 1990-2000). Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2010; *idem*, *O começo do fim do mundo: as artes de viver do punk em Curitiba na década de 1990*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2007.

⁷ Ver TURRA NETO, Nécio. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade*. Tese (Doutorado em Geografia) – Unesp, Presidente Prudente, 2008; *idem*, *Enterrado, mas ainda vivo!:* identidade *punk* e território em Londrina. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Unesp, Presidente Prudente, 2001, e *idem*, *Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

⁸ Ver PEREIRA, Angélica Silvana. *Somos expressão, não subversão!:* a gurizada *punk* em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 2006.

⁹ Ver ALMEIDA, Carlinhos Knierim de. *Jovens em cena: o punk em Uruguaiana*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História), PUC-RS, Uruguaiana, 2010.

¹⁰ TURRA NETO, Nécio. *Enterado, mas ainda vivo!: identidade punk e território em Londrina*, op. cit., p. 11.

¹¹ MORAES, Everton de Oliveira. "Deslocados, desnecessários", op. cit., p. 10.

¹² *Idem*, *ibidem*, p. 16.

intercalou cartas e caixas. Tal estrutura permite ao leitor distinguir a teoria científica, que embasa a investigação, das impressões do pesquisador em campo, tornando a leitura mais acessível ao público. Caminho semelhante foi adotado em sua tese, *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava*: territórios e redes de sociabilidade, com a diferença de que aí não se valeu de cartas, que foram substituídas pela estruturação convencional de capítulos.

Além da narrativa plural, outro ponto que conferiu destaque à obra de Nécio Turra Neto foi à utilização de um diversificado repertório metodológico, amparado pelo recurso a técnicas etnográficas e ferramentas de mapeamento geográfico, em consonância com um sólido estudo histórico e sociológico das nuances que envolveram o meio *punk* em cada uma das localidades estudadas. Nessa perspectiva, em suas investigações, foi possível constatar a preocupação central em compreender como o território possui importância vital para construção da identidade *punk*.

Nessa rota, em sua dissertação, a ênfase foi direcionada para demonstrar como os *punks* inventaram e reinventaram seus territórios em Londrina, bem como eles foram fundamentais para a constituição de uma identidade singular, tecida conjuntamente por "juventude, 'rebeldia', diversão e cidade. [E tinham] relação com a constituição de identidades individuais e coletivas, por meio da formação de grupos de sociabilidade, na forma de rede, na e pela circulação no espaço urbano".¹⁰ Já em sua tese, Turra Neto descortinou a "cena *punk*" em Guarapuava, com foco especial nos elementos peculiares da composição da identidade *punk* nessa localidade.

Também emblemáticas desse novo modo de compreensão do *punk*, que começou a emergir na virada do século, salientam-se as investigações do historiador Everton de Oliveira Moraes, que, tanto na graduação como no mestrado, se ateuve à fabricação identitária dos *punks* em Curitiba. Por sinal, sua dissertação contou com uma fundamentação teórica de orientação pós-estruturalista, valendo-se de autores como Gilles Deleuze, Michel Foucault e Felix Guattari. Por essa via, ele procurou desconstruir o saber *punk* na capital paranaense. Seu objetivo foi analisar o *punk* não "como uma identidade fechada, com propostas bem definidas, e mais como uma série precária de signos agrupados sob um nome e que, na sua maioria, não traz propostas positivas".¹¹ Nessa linha, o *punk* se apresentaria como um conjunto de práticas discursivas que, pouco a pouco, passam a atribuir sentido aos sujeitos. Para Moraes, o *punk* seria, então, "apenas" um "conjunto de falas, imagens e sonoridades que carregam esse nome, e que são como que uma matéria para o pensamento de uma infinidade de indivíduos que constroem suas subjetividades em torno desses signos".¹²

Ressalte-se ainda a pesquisa de Carlinhos Knierim de Almeida, que em seu trabalho de conclusão de curso em História a respeito da inserção do *punk* em Uruguaiana, objetivou verificar como ele "se ajustou" a esse território. Para tanto, recorreu, notadamente, a fontes orais e à análise dos periódicos locais, o que lhe possibilitou concluir, entre outras coisas, que o *punk*, nessa localidade, não se configurou tão só como um movimento musical, mas igualmente social à medida que questionou alguns referenciais tidos como tradicionais na fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Sob outra ótica, Angélica Silvana Pereira, em sua dissertação de mestrado, direcionou seu olhar para as práticas educacionais estabelecidas nas últimas décadas pelas coletividades *punks* em Porto Alegre, na tentativa de captar como essas transformações nas formas de identificação com os postulados referenciais do *punk*, manifestaram-se na resignificação de

territórios na capital gaúcha. À vista disso, por meio de elementos narrativos não convencionais, como a composição de sua introdução à base de trechos à moda de editorial, a pesquisadora expôs a pluralidade discursiva dos *punks* locais, apoiada, metodologicamente, em incursões etnográficas, entrevistas e análise de fontes primárias como *fanzines*. No final das contas, apresentou uma série de práticas que desalojam a rigidez dos aspectos constituidores da coesão identitária *punk*.

Relatos sobre a emergência dos grupos *punks* na região Sul

O relato mais antigo sobre a identificação de sujeitos com os referenciais relativos à identidade *punk* na região Sul está registrado no trabalho de Everton Moraes, datado de 2010, segundo o qual ele emergiu em Curitiba por volta de 1978. Entretanto, o autor pondera que o *punk* não surgiu aí de um gesto nobre, um ato de genialidade pioneira que marcaria o início de uma revolução. Ao contrário, o que se notou foi a coexistência de diversos referenciais que, de maneira dispersa, vieram a constituir o signo *punk*.¹³ Como expõe esse relato,

*A inspiração para o nome Carne Podre surgiu de um incidente ocorrido na época, quando um mendigo, que jazia morto em um terreno baldio ao lado da casa de um deles, levou dois dias para ser recolhido pela prefeitura, espalhando um cheiro podre por toda a região. Então, surgiu um inglês maluco recém-chegado na cidade, vindo de uma Inglaterra em plena ebulição punk, com um visual e uma postura punk. Logo foi convidado para cantar no Carne Podre, apesar de mal falar português. Então em 1978, nasce oficialmente a primeira banda punk da cidade [...]. Apesar de não ter uma conotação política explícita, a banda contava com uma postura de palco e irreverência absurdas para a época. O primeiro show, junto com duas bandas não punks, causou um choque entre a multidão presente na praça do Atlético naquela noite de abril, provavelmente de 1979, quando Kevan sacou uma tesoura e começou a encher de buracos o próprio cabelo em cima do palco.*¹⁴

A banda Carne Podre, portanto, possuía tal nome em função da satirização de um acontecimento trágico. Seja como for, o relato de Rodrigo Juste Duarte demonstra a perplexidade gerada pela afirmação dos referenciais *punks* na capital paranaense.

Em outro caso, na investigação Angélica Pereira¹⁵ foi relatado que o *punk* despontou em Porto Alegre nos primeiros anos da década de 1980. A autora, a exemplo de Everton Moraes, salientou que, nesse momento, não se sabia com clareza o que vinha a ser *punk*. O que havia, por parte de alguns, era uma identificação com certas ideias. Conforme a pesquisadora, essa “adesão” supostamente teria sido facilitada pelo surgimento da rádio Ipanema FM, que contribuiu para a ascendência das bandas de *rock* gaúcho. Por isso, a cena *punk* local cresceu alicerçada em referenciais musicais, que contribuíram para que ela fosse composta por jovens de diversas classes sociais e residentes em muitos pontos da cidade.

Nessa época os *punks* porto-alegrenses se territorializaram, principalmente, no bairro do Bom Fim. Mais: “os *punks* chocavam e amedrontavam os cidadãos ditos ‘normais’, devido ao seu visual e ao número significativo de jovens que marcavam presença na Rua Osvaldo Aranha e seus bares que eram pontos de encontros”.¹⁶ Daí que, como esclarece Angélica Pereira, em Porto Alegre – tal qual ocorrera em outros lugares – o *punk* aos poucos



¹³ *Idem, ibidem*, p. 12.

¹⁴ DUARTE, Rodrigo Juste *apud* MORAES, Everton de Oliveira. “Deslocados, desnecessários”, *op. cit.*, p. 12.

¹⁵ Ver PEREIRA, Angélica Silvana, *op. cit.*, p. 81-83.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 83

¹⁷ Cf. *Idem, ibidem*, p. 88

¹⁸ TURRA NETO, Nécio. *Enterado, mas ainda vivo!: identidade punk e território em Londrina*, op. cit., p. 72.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 76.

²⁰ *Idem, Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava*, op. cit., p. 161.

²¹ O autor esclarece, porém, que desde a década de 1980, já havia alguns sujeitos que se articulavam em torno dos signos *punks*, principalmente, por causa das músicas de *punk rock*.

²² TURRA NETO, Nécio. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava*, op. cit., p. 174.

²³ ALMEIDA, Carlinhos Knierim de, op. cit., p. 30.

deixou de ser um fenômeno firmado unicamente em referenciais musicais, passando a se fundamentar em outros referenciais que lhe conferiram um caráter mais político.¹⁷

Percurso muito semelhante foi registrado, em 2001, por Nécio Turra Neto, em sua investigação acerca das coletividades *punks* em Londrina. Ele detectou que as primeiras articulações em torno do *punk* na cidade ocorreram por volta de 1984, graças a contatos com bandas paulistas, bem como por intermédio de notícias na imprensa. Como disse um de seus entrevistados, o *punk*, na sua fase inicial, alimentou-se basicamente de “som, visual e bebedeira; não tinha consciência política; o lance era agredir... Uma imagem talvez mais ligada ao estereótipo Pistols”.¹⁸

Essa postura, com o passar dos anos, foi sendo abandonada pelos anarcopunks, que aproximadamente, desde 1988 estabeleceram uma nova forma de negociação dos espaços. A partir de então estes não seriam mais utilizados, prioritariamente, “para ouvir fitas e beber, mas também para fazer reuniões e shows. Espaços como o DCE, a Ules (União Londrinense dos Estudantes Secundaristas) e o RU foram usados intensamente para *shows*, depois o Mausoléu foi um grande ponto de referência”.¹⁹

Por outro lado, em sua investigação sobre os *punks* em Guarapuava, Turra Neto percebeu que as primeiras articulações coletivas aconteceram como decorrência de *shows*²⁰, realizados em 2002 ou 2003.²¹ Na ótica do pesquisador, o surgimento “tardio” das articulações *punks* na cidade aparentemente se entrelaçou com uma nova dinâmica que se tornou recorrente no meio *punk* nacional, em especial dos anos 1990 em diante, o que, por sua vez, possibilitou maior “adesão de jovens de classe média e universidade à cultura *punk*, contrastando com o *punk* do começo dos anos de 1980, cuja origem social predominante era a periferia”.²²

Seguindo a linha dos demais pesquisadores, Carlinhos de Almeida observou que o *punk* chegou em Uruguaiana no final da década de 1980, sob o impacto do *rock* das bandas sul-rio-grandenses. Para o autor tanto o *rock* gaúcho em geral quanto o *punk*, em particular, compartilhavam de referenciais comuns no que era concernente à estética, visual e música, o que dificultava o estabelecimento de pontos de diferenciação entre ambos nesse momento.

Contudo, ao longo do seu trabalho, o pesquisador evidenciou que a inserção do *punk* na cidade se expressou de maneira singular, porque, diferentemente das outras manifestações juvenis locais, o *punk* conseguiu efetiva visibilidade por ter se contraposto ao “pensamento ‘provinciano’, conservador do tradicionalismo gaúcho, que valoriza a grande propriedade e a exploração dos peões, além de exaltar a vida no campo, sendo que os jovens viam a parte urbana da cidade se expandir cada vez mais”.²³

Peculiaridades e construções identitárias do *punk* na região

Como se nota, os trabalhos aqui analisados, ao relatarem os primórdios das articulações ao redor dos referenciais *punks*, tomaram como caminho comum mostrar como as particulares inscritas em determinadas localidades interferiram na sua composição identitária. Nessa lógica, Everton Moraes²⁴ percebeu que a década de 1980 foi um momento decisivo para a consolidação identitária das coletividades *punks* em Curitiba, pois, nesse período, uma parcela significativa dos *punks* locais buscaram se desvencilhar da sua imagem negativa perante a opinião pública e

tentaram construir um “movimento coerente” inspirado no anarquismo. Dessa maneira, como sucedeu em diversas cidades²⁵, emergiu o ideal anarcopunk, comprometido, no contexto da capital paranaense, com o objetivo de “construir uma coerência e uma união, buscando organizar uma identidade e ligar a sua imagem a um outro tipo de politização, [...] [passando assim] a adotar uma proposta política anarquista e a se unir ao movimento estudantil da cidade”.²⁶ Todavia, a adoção dessa postura não foi total entre os *punks* locais: “muitos deles recusando-a e optando por manter sua ligação somente com a música e com a diversão, sendo, em muitos casos, criticados pelos *punks* anarquistas”.²⁷ Em meio a essas disputas, certos grupos optaram por denominar-se unicamente como *punks* para se diferenciarem dos anarcopunks.

A ocorrência de cisões identitárias envolvendo os *punks* configura-se como uma dinâmica relativamente comum na região Sul. A despeito disso, Nécio Turra Neto apontou a existência de uma série de elementos que ali poderiam ser relacionados à “cultura” *punk*. No entanto, os sujeitos, ao terem contato inicial com o *punk*, assumiam essa identidade por se identificarem com apenas um ou dois desses referenciais. Tal fato, sem dúvida, imprimia maior fluidez à identidade, pois esta estava constantemente sendo redefinida, na medida em que novos aspectos eram adotados e outros, eliminados.²⁸ Tal cenário também contribuiu para o acirramento de conflitos e cisões identitárias, como foi exposto num relato etnográfico:

*No final de 1999, uma parte do grupo do sopão, entre eles, os/as punks mais novos/as, saíram para uma viagem. Visitaram várias cidades, entre Londrina e Porto Seguro. Nesse percurso, encontram muitas formas de ser punk, diferentes das que conheciam em Londrina. Voltaram mudados/as, querendo fazer muitas coisas, com uma dose de idealismo a mais, criticando os/as punks daqui, achando-os/as muito acomodados/as. Houve desentendimento... Isso já em março de 2000.*²⁹

A existência de diferentes modos de interpelar a identidade *punk* também pôde ser evidenciada em Porto Alegre, conforme a investigação de Angélica Pereira³⁰, que explicou como as cisões identitárias eram motivadas pela forma com que cada indivíduo e/ou grupo lidavam com os referenciais constituintes da identidade *punk*. Vem daí o depoimento de um dos entrevistados identificado como *punk* (27 anos):

*O que tá acontecendo com movimento punk de Porto Alegre são subdivisões, brigas, pessoas que se conversavam e hoje não se falam mais. Não que as pessoas tentem buscar a união que se desejar, porque cada um é cada um, mas... acaba-se criando lendas humanas em torno de coisas e no final das contas o inimigo que é pra ser combatido acaba ficando intacto. Uma coisa que as pessoas acabam desperdiçando energia, desperdiçando sei lá... E ficam dizendo: o fulano não gosta da banda não sei de quem, tá ligado? O fulano curte só tocar música, o fulano toma cerveja, o fulano gosta de futebol, o fulano... e daí dizem que por isso o fulaninho não é punk porque punk não toma cerveja, não gosta de futebol.*³¹

Percebe-se, portanto, que os dilemas concernentes à contemporaneidade imprimiram novas práticas, que, por sua vez, tensionaram os postulados identitários do *punk* local. Nesse sentido, em uma de suas incursões etnográficas a autora registrou a utilização de um acordeom, instrumento utilizado em músicas gauchescas, por uma banda *punk* local. Tal atitude,

²⁴ MORAES, Everton de Oliveira. “Deslocados, desnecessários”, *op. cit.*

²⁵ Cf. BASTOS, Yuriallis Fernandes. *Cotidianizando a utopia: um estudo sobre a organização das atividades culturais e político-sociais dos anarco-punks em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFPB, João Pessoa, 2008; CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: invasão dos bandos sub*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1985; COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. Tese (Doutorado em Antropologia) – PUC-SP, São Paulo, 1992; KEMP, Kenia. *Grupos de estilo jovens: o “rock underground” e as práticas (contra) culturais dos grupos “punks” e “trashs” em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Unicamp, Campinas, 1993; OLIVEIRA, Antônio Carlos de. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006; OLIVEIRA, Vantiê Clíneo de Carvalho. *O movimento anarco-punk: a identidade e a autonomia nas produções e nas vivências de uma tribo urbana juvenil*. Natal: edição do autor, 2008; SANT’ANA, Ana Paula de. *Punk, labirintos do corpo: movimento punk em Cuiabá*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – UFMT, Cuiabá, 2009, e SOUSA, Rafael Lopes de. *Punk: cultura subversiva e protesto – as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996*. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Assis, 1997.

²⁶ MORAES, Everton de Oliveira. “Deslocados, desnecessários”, *op. cit.*, p. 32.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 33.

²⁸ Cf. TURRA NETO, Nécio. *Enterrado, mas ainda vivo!: identidade punk e território em Londrina*, *op. cit.*, p. 173 e p. 182.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 185.

³⁰ PEREIRA, Angélica Silvana, *op. cit.*, p. 91.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 121.

³² *Idem, ibidem*, p. 111 e p. 124.

³³ TURRA NETO, Nécio. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava*, *op. cit.*, p. 210.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 216.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 211.

³⁶ Cf. *idem*.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 210.

³⁸ ALMEIDA, Carlinhos Knierim de, *op. cit.*

³⁹ Ver CAIAFA, Janice, *op. cit.*

⁴⁰ ALMEIDA, Carlinhos Knierim de, *op. cit.*, p. 19.

para Angélica Pereira, explicitava, por um lado, as particularidades inerentes àquele indivíduo/banda e, por outro representava a transgressão característica do *punk* porto-alegrense. Consequentemente, os *punks* locais, por meio de suas narrativas, inscritas em sua identidade, tornavam “possível produzir outros significados que constituem, (re)inventam, (res)significam práticas, espaços, sujeitos, relações”.³²

Corroboram essas considerações os relatos etnográficos de Nécio Turra Neto. Ao se deter na cena *punk* de Guarapuava, ele verificou que o ambiente e as condições sociais redefiniam os signos de identidade e identificação do *punk*. Ressaltou, num primeiro momento, que “nunca [havia visto] tanta gente com camisetas escrito *punk*, *hardcore*, Ramones e outras bandas. Mais tarde, fui descobrir que esse pessoal é definido, não sei se autodefinido, como *emocore*”.³³ Ademais, contrapõe que os sujeitos que ele identificava como “realmente” *punks* apresentavam um visual que negava a identificação convencional do *punk*.³⁴

Tal cenário demonstra a particularidade no modo local de lidar com os referenciais que histórica e socialmente foram atribuídos ao *punk*, bem como elucida a fluidez e conseqüente desterritorialização de algumas dessas referências, em decorrência de sua utilização pelos que não eram reconhecidos e nem se autorreconheciam como *punks*. Complementando esse quadro o autor constatou: “a presença de um público muito jovem, entre dezesseis e dezessete anos, que não parecia ter intimidade com a cultura *punk*, mas que realiza um investimento em visual e está em busca de diversão; um público situado entre os estratos médios de renda, equipado com máquinas fotográficas digitais e celulares; o contraste, e mesmo conflitos, entre esse público e outros sujeitos da cena que parecem se afirmar *punks* de forma mais convicta”.³⁵

Em meio a esse quadro inevitavelmente se constituiu em Guarapuava uma cena *punk* fortemente marcada pelas suas peculiaridades. Chamou atenção do autor, por exemplo, o fato de ali haver certa proximidade entre os *punks* e os metaleiros.³⁶ Indo além, os grupos *punk* locais tocavam músicas de bandas comerciais, como do Green Day. Tudo isso seria sintomático de um processo designado pelo pesquisador de “rejuvenescimento do *punk*” ou uma espécie de “modernização do *punk*”, que, por sua vez, veio acompanhada da interação com as “inovações das tecnologias de comunicação (com celulares de última geração) [... E] me pareceu uma cena formada por jovens de estratos medianos de renda, com situação financeira bem definida”.³⁷

A influência de particularidades regionais sobre o *punk* foi destacada igualmente no trabalho de Carlinhos de Almeida³⁸, que procurou demonstrar como em Uruguaiana, localizada no extremo sul do Brasil, a identidade *punk* se formou alicerçada, entre outras coisas, no contato com os referenciais *punks* da Argentina. Como relatado, bastava cruzar a fronteira para que os *punks* brasileiros pudessem sentir a repressão militar mais acentuada daquele país. Aliás, tal qual já havia constatado Janice Caiafa³⁹, em sua investigação a respeito dos *punks* cariocas, Carlinhos de Almeida constatou que o *skate* era considerado o esporte dos *punks*. Entretanto, em Uruguaiana este tivera uma contribuição mais significativa, pois os signos relativos à prática do *skate* moldaram essa composição identitária na cidade, à medida que “o *skate* trouxe um pouco mais de colorido nas vestimentas *punk*, além de bonés, que é de comum uso dos praticantes. Também fez com que alguns dos *punks* daqui trocassem o tênis barato e o coturno por tênis mais apropriados para o esporte”.⁴⁰



Também compôs esse mosaico de singularidades do *punk* em Uruguaiana a relação de proximidade estabelecida com os metaleiros. Dessa forma, como salientou Nécio Turra Neto, em sua análise a respeito dos *punks* em Guarapuava⁴¹, existia uma inusitada empatia entre os membros desses dois grupos. Porém, no caso específico de Uruguaiana, essa afinidade se dava em função desses grupos compartilharem do sentimento de fazerem “parte de um mesmo grupo de jovens que eram discriminados, por gostarem de *rock* mais pesado ou agressivo e/ou pelo modo como se vestiam”.⁴²

Contribuições para o debate acerca da identidade *punk* no Brasil

As pesquisas aqui analisadas procuraram focalizar a adesão aos postulados identitários do *punk* em localidades situadas na região Sul, e, embora partindo de parâmetros disciplinares distintos, convergiram em diversos pontos, particularmente no que tange à preocupação em dimensionar quais fatores contribuíram para a constituição e consolidação desses grupos, bem como às peculiaridades resultantes da inserção do *punk* em cada localidade e à produção da identidade *punk* no Brasil.

Nessa linha, ressaltam-se as observações de Nécio Turra Neto, que, ao analisar a relação entre as práticas políticas e culturais dos *punks*, assinalou que os territórios se definem pela sua apropriação real e simbólica⁴³, que, por sua vez, constrói-se de maneira relacional entre indivíduos e grupos, redundando muitas vezes em conflito. Afinal, o *punk* se configura como um sujeito na fronteira, entre aquilo que se tenciona representar e aquilo que é representado. Ao ostentar a identidade *punk*, ele o sujeito automaticamente demarca uma fronteira social, e “para se penetrar no território há que superar esta barreira: pelo olhar, pelo toque, pela violência, pelo sorriso, pela permissão verbal etc... A abertura ou o fechamento do território é indicado por uma manifestação qualquer na fronteira-corpo”.⁴⁴

Por seu turno, na pesquisa de Everton Moraes, além de um rigoroso estudo acerca da atuação dos *fanzines* como veículo para transposição de diversas ideias que se misturam em torno dos signos *punks*, foram relativizados os referenciais “determinadores” dessa identidade, ao se priorizarem “práticas que não chegam a constituir nenhum grupo específico, mas que liberam os indivíduos dele”.⁴⁵ Na confluência entre teoria pós-estruturalista e sua leitura das fontes, o autor desembocou numa percepção plural da inserção do *punk* no mundo contemporâneo, fazendo com que os sujeitos ligados a ele sejam compreendidos ao mesmo tempo como “deslocados e desnecessários”.

Por um viés semelhante, Carlinhos de Almeida⁴⁶ revelou como as inúmeras particularidades que cobrem o “ser” *punk* intensificam-se a partir do momento que essa identidade se insere em novos territórios. Nesse sentido, ele teve a perspicácia de perceber que o *punk* em Uruguaiana se constitui mais como uma articulação fundamental na contraposição às peculiaridades locais do que um movimento pautado em dilemas da conjuntura global.

Indo ao encontro dessas contribuições, Angélica Pereira⁴⁷, por meio de incursões etnográficas, apurou que, no período de sua investigação (de 2004 a 2005), não existia coesão no tocante aos discursos orientadores da identidade *punk*. Nem mesmo os postulados fundantes do *punk* eram naquele momento hegemônicos, o que impedia a caracterização de um sujeito *punk* calcado em parâmetros rígidos e precisos. Em contraste, os *punks* por ela estudados demonstravam como a cultura *punk* se construiu

⁴¹ Cf. TURRA NETO, Nécio. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava*, op. cit.

⁴² ALMEIDA, Carlinhos Knierim de, op. cit., p. 22.

⁴³ Cf. TURRA NETO, Nécio. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava*, op. cit., p. 169.

⁴⁴ *Idem*, *ibidem*, p. 107 e 108.

⁴⁵ MORAES, Everton de Oliveira. “Deslocados, desnecessários”, op. cit., p. 9.

⁴⁶ Cf. ALMEIDA, Carlinhos Knierim de, op. cit.

⁴⁷ Cf. PEREIRA, Angélica Silvana, op. cit.

⁴⁸ *Idem, op. cit.*, p. 151.

de maneira múltipla, orientada por diferentes discursos. Por conseguinte, os *punks* de Porto Alegre podiam ser “ao mesmo tempo: jovem, trabalhador, não trabalhador, desempregado buscando trabalho, pai, filho, amigo, estudante, *punk*”.⁴⁸

Em linhas gerais, as pesquisas aqui apresentadas nos levam a mergulhar mais fundo na questão da identidade *punk*, convidando-nos a atentar para os processos no interior dos quais ela foi tensionada e reinterpretada em certas localidades do Sul do país. E tudo isso abre caminho para um entendimento menos essencialista do *punk* no Brasil.

Artigo recebido em maio de 2018. Aprovado em setembro de 2019.